

PMDB, tendência a conciliar

TEREZA CRUVINEL
Da Editoria Política

Depois de conquistar 10 governos estaduais, 200 cadeiras na Câmara e uma restrita mas qualitativa bancada de 21 senadores, além de um importante cargo na mesa-diretora da Câmara, o PMDB sem dúvida já não é o mesmo. Na nova composição de forças, surgida com as eleições, continuam a existir diferentes grupos de interesses e ideologia, desafiando a unidade interna, ao mesmo tempo que a eleição de governadores de tendência moderada poderão ditar um tom mais conciliador, comprometendo o exercício de uma oposição realmente combativa.

Se o PMDB vai caminhar para uma postura de centro, conciliando as diversas tendências, enquanto preserva condições para os governadores exercerem seu mandato, é uma questão a ser confirmada pelo início dos trabalhos legislativos. Da mesma forma, a hipótese de que a chamada ala esquerda venha a pressionar as direções, no sentido de fazer cumprir as bandeiras do programa, que determinaram a grande votação recebida em novembro. Os primeiros sinais, entretanto, indicam que o maior partido de oposição seguirá o caminho do "realismo", como afirma o líder Freitas Nobre.

ARCO-IRIS

As diferenças existentes no PMDB começam pelo reconhecimento ou não de sua existência. O líder do Senado, Humberto Lucena, bem como outros parlamentares ditos moderados, preferem ocultar as divergências: "Radicais e moderados é uma coisa inventada pela imprensa. O que existe é uma unidade em torno do programa do partido". Já o deputado Hêlio Duque (PR), de discurso e origem mais radical, bem como o secretário-geral Francisco Pinto (BA), preferem admitir o caráter frontista do partido: "O PMDB, é um arco-iris, reunindo cores e tendências diferentes da sociedade", define Duque.

Na verdade desde os tempos do MDBcoexistiram um segmento de esquerda, reunido em torno do "grupo autêntico", ao lado de setores liberais que se intitularam "moderados". A chamada tendência popular, hoje diluída, também foi uma expressão mais à esquerda, enquanto que a incorporação do extinto PP encarregou-se de trazer elementos conservadores, onde se pode identificar senadores como Mendes Canale e Gastão Müller (MS), este sobrinho do famigerado Filinto Müller, ambos tidos como expressões reacionárias do PMDB. Ou ainda o ex-governador goiano Irapuam Costa Júnior e sua base de ex-arenistas, que veio sem passar pelo PP, pelas mãos do deputado Fernando Cunha.

No extremo conservador pode-se ainda identificar todo o grupo de ala-cidistas do Pará, o empresário e ex-pepista cearense Moisés Pimentel ou o ex-assessor de Rubem Ludwig no MEC, Heráclito Fortes (PI). Sem contar ainda a volta do grupo chaguista, hoje restrito a 7 deputados.

Pela corrente mais à esquerda, ou mais radical, para quem prefere, as

estrelas continuam a ser Chico Pinto (BA), Hêlio Duque (PR), o candidato derrotado à liderança, Pimenta da Veiga, o grupo pernambucano composto de Cristina Tavares, Fernando Lyra, Jarbas Vasconcelos, o ex-governador Miguel Arraes e o primeiro vice-líder Egidio Ferreira Lima, e um elenco de 19 excassados.

MISTURA FINA

Hoje, entretanto, seria precipitado classificar em grupos estanques todas essas correntes. Depois das eleições, a nova situação do PMDB deverá promover uma verdadeira mistura fina, diluindo os contornos dos antigos grupos.

O peso dos governadores será decisivo e prova disso é a ascensão da estrela de Tancredo Neves, que dita a linha conciliadora. A princípio, ele esfriou a idéia de formação da frente dos governadores de oposição. Agora, lança jatos d'água sobre a CPI SNI - Baumgarten, enquanto defende um candidato de consenso para a sucessão do Presidente Figueiredo, o que contrariou sensivelmente os zelosos defensores do programa, que defendem a luta pelas eleições diretas. E verdade, porém, que outros governadores nada falaram sobre estes assuntos, ciosos de manter boas relações com sua bancada.

A bancada mineira, por sua vez, deverá configurar um grupo específico, quem sabe "Tancredista", onde se pode pinçar figuras como Renato Azeredo ou José Aparecido de Oliveira, dispostos a preservar a liderança do governador eleito de Minas, com vocação individual mais ambiciosa.

A eleição do líder Freitas Nobre, outrora um autêntico, pode indicar essa tendência à conciliação permanente. Em sua vitória de 20 votos sobre o mineiro Pimenta da Veiga, Nobre contou com o apoio de Tancredo, preocupado em isolar lideranças individuais em sua bancada, e de notáveis setores da chamada esquerda, incluindo Chico Pinto, Arraes, Fernando Lira e outros parlamentares combativos. Dizer que a eleição de Freitas Nobre é uma vitória da ala moderada é uma apreciação discutível, o mesmo valendo para a afirmação de que Pimenta da Veiga representava os radicais. Na verdade, em torno dele gravitaram os independentes e a esquerda mais conciliadora.

O colégio de 22 vice-líderes indicados por Freitas Nobre comprova ainda que ele transita na busca do equilíbrio. Ali estão, nas duas primeiras vagas, o ex-pepista Sinval Guazelli (RS) e o ex-cassado Egidio Martins. Por outro lado, as sobrevivências do PP também não serão necessariamente um bloco de contornos definidos. O deputado baiano Carlos Santana de antigas posições conservadoras, está hoje caminhando no sentido oposto, talvez em busca de um espaço de liderança. No momento, ele defende a CPI Baumgarten, ponto que vem dividindo os peemedebistas.

PRIMEIRAS BANDEIRAS

Antes mesmo de começar a sessão legislativa deste ano, o PMDB terá

optado pelas bandeiras imediatas na reunião de ontem. A CPI SNI Baumgarten, de iniciativa do PT, poderá ter definição partidária. Enquanto Tancredo Neves condena e alguns parlamentares assinam, o líder Freitas Nobre afirma que "não há impedimentos à adesão da bancada, pois a iniciativa é do PT", deixando assim um sinal verde, sem se comprometer. Se o PDT inteiro apoiar, somando-se aos 8 deputados do PT, bastará que 129 peemedebistas apoiem para garantir as 160 assinaturas necessárias.

Apesar do esforço do governo e do PDS para inflarem o balão do voto distrital, os temas econômicos é que estão ganhando peso. Assim, a CPI do FMI e da dívida externa deverá chegar à mesa do presidente da Câmara, com número necessário de assinaturas, antes mesmo do dia 1º. A reforma tributária e a modificação da lei salarial, que deverão unificar a ação das oposições como um todo, possivelmente só cheguem ao Congresso no próximo semestre.

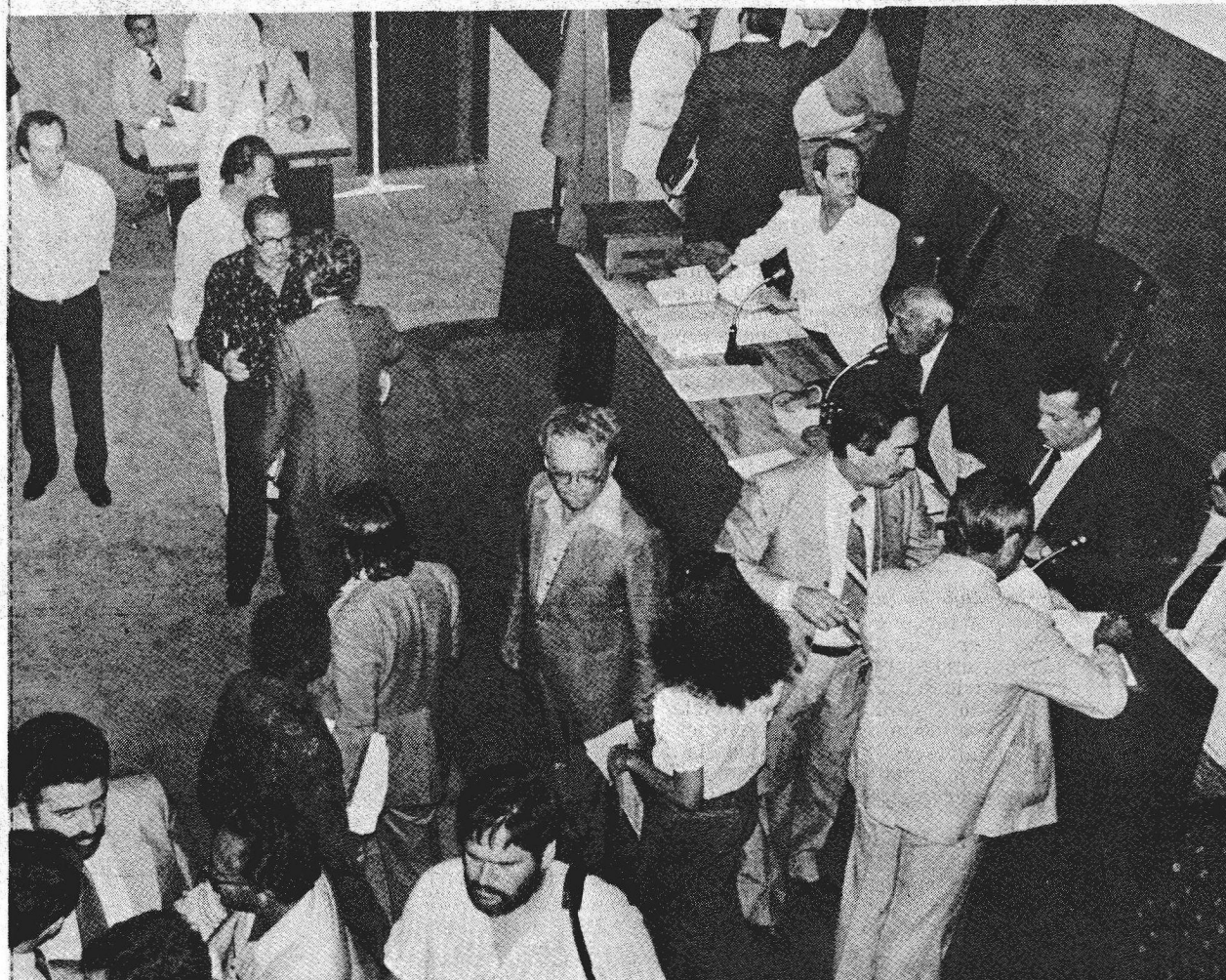
A bandeira da Constituinte, ponto de honra do PMDB, deverá também ser postergada, apesar das afirmações do líder no Senado, Humberto Lucena, de que o partido estaria disposto a negociar "amplas reformas". No mais, o PMDB deverá mobilizar-se em torno de eleição dos prefeitos das capitais. Se a Emenda Benevides falhar, Nobre afirmou que o partido estaria disposto a apreciar a proposta do presidente do PDS-SP, Armando Pinheiro, que deixa a decisão a cargo das Assembleias Legislativas. E certo porém, que novas dissensões surgiram em torno de uma proposta que não tem consenso nem no PDS.

O PMDB E OS OUTROS

A relação do PMDB com os pequenos partidos de oposição — PT, PDT e PTB — será muito semelhante à do próprio PDS, uma vez que abortou a tentativa de formação de um bloco parlamentar de oposição. Com 200 deputados, o PMDB precisa do apoio de outros 40 oposicionistas para a aprovação de projetos, enquanto a dependência do PDS, com 235, é de apenas cinco.

O PTB, na pretensão de se tornar um "fiel da balança", preferiu manter a independência, negociando seu apoio em cima de questões específicas. O mesmo vale para o PDT, zeloso de manter sua identidade trabalhista com os outros pequenos. O PT por sua vez está na busca de afirmação, além de auto-atribuir-se o adjetivo de único partido não-burguês, o que impediria de antemão qualquer alinhamento automático.

Na distribuição das presidências das comissões técnicas, objeto de reunião de todos os líderes com o presidente Flávio Marçilio, novas partilhas terão que ser feitas. O PTB já reivindicou a Comissão de Fiscalização Financeira, privativa do PDS, que por sua vez avisou à dona Ivete Vargas sua disposição em negociá-la pela Comissão de Economia, hoje em mãos do PMDB. Assim, o PTB começa agora a pressionar o maior parceiro da oposição, que poderá desgastar-se com os pequenos, se não ceder.



PMDB: um arco-iris ou mistura fina